



## Imaginação e controle da subjetividade no campo do trabalho: imaginação criativa e realismo fatalista e conformista

*Imagination and the control of subjectivity in the field of work: creative imagination and conformist and fatalist realism*

Luana Silvy De Lorenzi Tezza Magnin

Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) | Universidade Federal do Paraná (UFPR)

José Henrique de Faria

João Henrique Rossler

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

### Resumo

A imaginação é frequentemente confundida com devaneios sem impacto na realidade, tendo sido historicamente preterida pela Psicologia face a outras faculdades mentais. No entanto, como função psíquica superior, desempenha papel fundamental na atividade consciente humana. Especialmente, no trabalho. Objetiva-se discutir neste artigo, baseado na Psicologia Histórico-Cultural, a relação entre imaginação e o controle da subjetividade no campo do trabalho; bem como defender a tese de que o controle da imaginação pode alterar a relação do indivíduo com a realidade e os processos psíquicos de produção de imagem subjetiva da realidade objetiva. A partir disso, propõem-se duas formas predominantes de processos cognitivo-afetivos, que se manifestam como tendências do psiquismo humano: um cuja prevalência ocorre por meio do exercício da imaginação criativa; e outro por meio do “realismo fatalista e conformista”, entendido como a forma de imaginação típica do trabalho alienado, responsável pelo exercício da imaginação como produção de imagens fictícias.

Palavras-chave: **Imaginação; Trabalho; Controle da subjetividade; Realismo fatalista e conformista**

### Abstract

*Imagination is often confused with daydreams with no impact on reality, having historically been superseded by psychology over other mental faculties. However, as a higher psychic function, it plays a fundamental role in human conscious activity. Especially at work. This article aims to discuss, based on Cultural-Historical Psychology, the relationship between imagination and subjectivity control in the field of work; as well as defend the thesis that the control of the imagination can alter the individual's relationship with reality and the psychic processes of subjective image production of objective reality. From this, two predominant forms of cognitive-affective processes are proposed, which manifest themselves as tendencies in the functioning of the psyche: one whose prevalence occurs through the exercise of creative imagination; and the other through "fatalistic and conformist realism", understood as the form of imagination typical of alienated work, responsible for the exercise of imagination as production of fictitious images.*

Keywords: **Imagination; Work; Subjectivity control; Fatalistic and conformist realism**

## INTRODUÇÃO

Na linguagem cotidiana, a palavra “imaginação” é utilizada sem muita reflexão sobre o seu significado e importância. Com frequência, confunde-se a capacidade humana de imaginação com devaneios, fantasias, elaborações fictícias sem qualquer relação ou impacto na realidade. A capacidade imaginativa foi historicamente depreciada face a outras faculdades mentais, como o pensamento e a memória<sup>1</sup>. Raramente se reflete sobre o quanto a imaginação é base da própria humanidade e de todo o universo cultural. Para Lev Vigotski (2014):

A imaginação como fundamento de toda a atividade criadora manifesta-se igualmente em todos os aspectos da vida cultural, possibilitando a criação artística, científica e tecnológica. Nesse sentido, absolutamente tudo o que nos rodeia e que foi criado pela mão do homem, todo o universo cultural, ao contrário do universo natural, é produto da imaginação e criação humanas. (Vigotski, 2014, p. 4)

Por sua vez, a imaginação não se desenvolve descolada das condições históricas e das relações sociais em que estão inseridos os indivíduos. Portanto, caracteriza-se como fenômeno histórico e socialmente produzido.

Serguei Rubinstein (1978) classifica a imaginação de duas formas. Nos casos em que se entende a imaginação como devaneio, ela é vista como a própria fuga da realidade, ou seja, o sujeito está tão envolto em fantasias que não encontra motivos para ação, para a intervenção na realidade. Essa seria a imaginação principalmente passiva, que não se articula diretamente com a atividade humana, com o trabalho. Imaginar, nesse caso, passa a ser alibi para a recusa ao contato com a realidade. Já a imaginação ativa constitui-se como força que, por seus atributos reprodutivos e criativos, conduz à ação, à modificação das condições constitutivas do real. É o que permite ao sujeito um deslumbre de novas possibilidades, e que o impulsiona a buscá-las, torná-las efetivas. Sendo ela principalmente ativa ou passiva – já que apenas tende para um maior aspecto de atividade ou de inércia –, a imaginação é a capacidade de realizar combinações inéditas a partir de elementos do real (Rubinstein, 1978).

A imaginação, por si mesma, não modifica a realidade externa, ainda que modifique as condições de atuação do próprio sujeito – implica em novas formas e possibilidades de interpretar e significar os fenômenos, produzindo novas atividades sinápticas, modificando, assim, o psiquismo humano e as possibilidades de conhecer, experimentar e significar o mundo.

---

<sup>1</sup> Platão, por exemplo, classificou a imaginação em último lugar entre as faculdades mentais (cf. Pallasmaa, 2013).

A imaginação possui papel fundamental na orientação da atividade vital humana, o trabalho, que é por sua vez mediado pela linguagem e por instrumentos. É por meio do trabalho que o sujeito intervém na realidade externa. Assim, utilizando-se da imaginação, o sujeito antecipa o produto de suas ações. A partir da consciência, isto é, do psiquismo humano consciente, pode-se não apenas reproduzir a realidade subjetivamente/mentalmente, mas orientar a atividade por meio de um fim conscientemente posto (atividade teleológica), ou seja, guiar as ações que modificam intencionalmente a realidade. Desse modo, ideias podem transformar-se em coisas materiais, por meio do trabalho, da ação concreta.

Para Karl Marx (1867/1988), a atividade psíquica humana – por meio de processos ideativos, imaginativos ou representacionais – apresenta-se como elemento essencial do trabalho. Segundo ele,

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colmeias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. **No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador**, e portanto idealmente. (...) além do esforço dos órgãos que trabalham, é exigida a vontade orientada a um fim. (Marx, 1867/1988, p. 298, grifo nosso)

Korel Kosik (1976/2011, p. 27) indica que a imaginação é inclusive necessária para conhecer a realidade, para o próprio fazer filosófico e científico, sendo indispensável certo *détour* “para conhecer as coisas e sua estrutura”. Para o autor, é impossível conhecer o real diretamente por meio das sensações, dos sentidos. O processo de conhecimento exige movimentos sucessivos de aproximação e afastamento do real, de elaboração conceitual e retorno ao concreto. A elaboração conceitual, por sua vez, exige o desenvolvimento da capacidade de abstração das propriedades do real, o que envolve a imaginação. Portanto, a imaginação não se limita apenas às atividades de lazer, à produção artística ou aos devaneios sem compromisso com o real, mas sim exerce papel central no trabalho.

Embora a imaginação, atrelada ao brincar infantil, sejam assuntos amplamente estudados, especialmente no campo da Psicologia, a imaginação adulta é um tema que tem sido insuficientemente explorado pela literatura acadêmico-científica. Seja de modo geral, seja no campo da psicologia do trabalho, em especial. Seria porque ainda se vincula a imaginação a um processo infantil, fantasioso, pouco característico do adulto? Em que medida o psiquismo adulto é livre nos vários âmbitos da sua vida para imaginar? Pallasmaa alerta que o

“paradoxo de nossa cultura consumista (...) materialista é o fato de que a autenticidade da imagem e a autonomia da imaginação estão definindo” (Pallasmaa, 2013, p. 12).

A partir de uma análise teórico-conceitual, fundamentada na Psicologia Histórico-Cultural (PHC), este artigo centra-se em três objetivos diretamente articulados: 1) resgatar o papel da imaginação na atividade psíquica do adulto; 2) analisar o aspecto psicológico do controle da subjetividade do trabalhador nas organizações, em especial, sobre a imaginação; 3) propor a tese que o controle da imaginação pode modificar a relação do sujeito com a realidade objetiva, produzindo na consciência o que se denomina nesse estudo como um realismo fatalista e conformista<sup>2</sup>.

Para tanto, inicialmente, discute-se a imaginação com base em autores clássicos e contemporâneos da PHC, abordagem essa que tem origem e se desenvolve, principalmente, a partir dos estudos dos psicólogos marxistas soviéticos Lev S. Vigotski (1896-1934), Alexei N. Leontiev (1903-1979), Alexander R. Luria (1902-1977), Serguei L. Rubinstein (1909-1960), dentre outros, situando a partir do pensamento marxista o trabalho como elemento central para a gênese do psiquismo humano consciente, portanto, para o processo de humanização. Na sequência, com base nesse mesmo referencial, buscar-se-á analisar o problema do controle da subjetividade por meio da regulação dos processos imaginativos na esfera do trabalho; bem como apresentar e discutir a tese de que esse controle produz na consciência processos cognitivo-afetivos que se manifestam na relação do indivíduo com o mundo como um realismo fatalista e conformista.

## PSIQUISMO HUMANO E IMAGINAÇÃO

Assentado na existência da matéria viva e resultante de um longo processo histórico que institui, por meio do trabalho, a passagem – o salto – da natureza à cultura, do ser orgânico ao ser social, o psiquismo humano constitui-se como um sistema interfuncional, expresso pela imagem subjetiva da realidade objetiva, ou seja, como reflexo psíquico consciente (Martins, 2013). Portanto, conectando a matéria, a materialidade do mundo, ao universo dos fenômenos psíquicos, ao campo da idealidade; como unidade de objetividade e subjetividade.

---

<sup>2</sup> Por fatalismo entende-se a crença de que a realidade, os fatos e acontecimentos, estão determinados *a priori* pelo destino; e conformismo como a atitude de aceitar passivamente a realidade tal como ela se apresenta, ou seja, de modo resignado, acrítico e sem questionamentos.

De acordo com Alexis Leontiev, o psiquismo humano se desenvolve a partir da apropriação da cultura material e simbólica humana, produzida ao longo da atividade histórico-social da humanidade e condensada nos objetos produzidos por meio do trabalho, ou seja, nas objetivações humanas. Esse processo de apropriação é sempre mediado por outros indivíduos, sendo, portanto, um processo educativo no sentido lato do termo. Assim, a cultura produzida pela atividade das gerações pregressas é base para a formação dos indivíduos, ou seja, para a formação de sua consciência e personalidade (Leontiev, 1978).

Toda atividade ou produção humana desenvolve-se a partir de uma elaboração psíquica acerca do real; é orientada por uma imagem ou representação da realidade<sup>3</sup>. O processo de elaboração do reflexo consciente, isto é, de representação do real, resulta da atividade sistêmica, interfuncional do psiquismo humano; é produto de um conjunto articulado de processos psíquicos superiores. Ou, como denominou Vigotski (1995), resultado da dinâmica entre as *funções psíquicas superiores*.

Vigotski (1954/2004) é o primeiro autor a apresentar uma concepção de psiquismo humano como um sistema integrado de funções psíquicas, ao mesmo tempo biológicas e mediadas pela cultura, pelas relações sociais. Vigotski baseou-se na filosofia monista de Espinosa e na teoria dialético-materialista de Marx para “construir uma concepção de psiquismo como um sistema integrado de funções psicológicas, em que todas estão relacionadas entre si, ao corpo biológico, mediadas pela cultura e pelo contexto social, sem hierarquia e relação causal” (Sawaia, 2009, p. 368).

Segundo Lígia Martins (2013), a conceituação do psiquismo humano como imagem subjetiva da realidade objetiva, leva em consideração:

O apontamento de relações entre *imagem, emprego de signos* e o desenvolvimento das *funções psíquicas superiores*. (...) a formação de imagens psíquicas, própria também aos animais, é condição necessária para a orientação na realidade – tanto deles quanto do homem. Dessa orientação depende a sua sobrevivência, encerrando em diferentes graus de complexidade o próprio desenvolvimento das funções psíquicas. Todavia, o processo de diferenciação entre o psiquismo animal e o psiquismo humano evidenciou uma distinção radical na qualidade da imagem psíquica que os seres humanos constroem: todas as funções corroboram para a formação de ima-

---

<sup>3</sup> Ressalte-se que a imagem subjetiva da realidade objetiva não coincide imediatamente com a realidade objetiva em sua totalidade, havendo entre elas uma relação dialética de maior ou menor aproximação, por meio de complexas mediações. A imagem subjetiva (coisa pensada) da realidade objetiva (coisa concreta) pode dela se aproximar ou se afastar; refleti-la de modo mais complexo ou simplificado, parcial.

gens mentais que se convertem em signos. (Martins, 2013, p. 72, grifo no original)

Ainda conforme a autora, as funções psíquicas superiores que instituem o caráter qualitativamente distinto do psiquismo humano como reflexo ou imagem consciente da realidade objetiva são: sensação, percepção, atenção, memória, linguagem, pensamento, imaginação, emoção e sentimento (Martins, 2013). Tendo em vista o propósito desse artigo, importa nesse momento focar a imaginação.

Conforme Martins (2013), embora todos os processos psíquicos sejam, de certa forma, processos imaginativos, isto é, se expressem por imagens, a imaginação, como função psíquica superior, possui um caráter próprio. Necessita, portanto, ser abordada em sua especificidade, ainda que tal procedimento analítico se trate de uma abstração.

Partindo do pressuposto acerca da unidade entre cognição e afeto, Vigotski traz importantes contribuições à Psicologia ao abordar o lugar da imaginação na atividade humana, como atributo específico ao ser humano e inerente a sua atividade consciente. Como analisa o autor soviético (Vigotski, 1971/2001), imaginar é antecipar-se; é, com base em elementos e experiências do passado, projetar-se no futuro. Assim, a imaginação ocupa um lugar de destaque na elaboração do sujeito sobre a realidade, orientando suas ações, relações e práticas sociais.

Apesar de o senso comum apontar para a grande capacidade imaginativa da infância, Vigotski (1971/2001) ressalta que é no psiquismo adulto que a imaginação atinge o seu ápice. Em primeiro lugar, porque a imaginação infantil desconsidera propriedades do real, não apresenta pensamento crítico, violando suas leis; em segundo, porque as vivências e experiências infantis são muito limitadas se comparadas às do adulto.

É por isso que a imaginação desempenha, na vida do adulto, um papel central no trabalho. É por meio da imaginação que se pode produzir, criar e recriar novos arranjos de imagens em relação àquelas previamente constituídas, desenvolvendo-se nesse processo novas imagens subjetivas e, com isso, alterando-se a relação já estabelecida anteriormente entre as imagens e as experiências e os objetos nelas representados; entre o reflexo psíquico e a realidade que é refletida. Dito de outra forma, modificando-se a relação subjetividade-objetividade. A imaginação, portanto, como processo ou ação de imaginar, constitui a base da atividade transformadora humana, criadora e recriadora, produtora e reprodutora; e cuja forma essencial, vital, é o trabalho. É a nova forma mental do objeto, imaginada primeiro na consciência do trabalhador,

que irá orientar e coordenar o conjunto de ações que se coloca em movimento sobre um objeto material ou simbólico qualquer, a fim de modificá-lo, de transformá-lo no objeto previamente imaginado (a prévia ideação). Segundo Martins (2013, p. 227), por meio da imaginação “se constrói a imagem antecipada do produto da atividade”, seja ele original e inédito ou não.

Outro estudioso soviético a dar contribuições importantes para o estudo dos processos psíquicos humanos, dentre eles a imaginação, foi Rubinstein. Como afirma o autor,

Imaginar algo significa transformá-lo. Os homens como seres ativos não somente observam e reconhecem o mundo, mas também o modificam, o transformam. Para poder transformar praticamente a realidade deve-se saber também transformá-la mentalmente. Cumpre essa exigência a imaginação. (Rubinstein, 1978, p. 361, tradução nossa)

A imaginação desempenha, como se observa, papel central nos processos teleológicos. Ou seja, na intencionalidade da atividade consciente humana, de modo geral, e no trabalho, de modo especial; pois, como discute Martins (2013), o trabalho, como atividade vital voltada à satisfação das necessidades humanas, demanda dos processos psíquicos cognitivo-afetivos a especialização e o refinamento da imaginação. Exigência essa que se intensificou e se complexificou ao longo da história humana, na mesma medida em que se alterou o conjunto das necessidades humanas objetiva e subjetivamente postas, determinando, ao mesmo tempo, o aperfeiçoamento de todo o aparato psíquico humano, isto é, o desenvolvimento do conjunto sistêmico das funções psíquicas humanas. Vale destacar, por exemplo, o papel central da memória na fixação das imagens subjetivas da realidade objetiva (do reflexo psíquico), que se constituem na matéria-prima dos processos imaginativos, que orientam a atividade do indivíduo e a transformação da realidade. Ou o papel da atenção na modificação e recombinação voluntária das imagens, isto é, na instauração e manutenção dos processos imaginativos em curso, que coordenam suas ações; bem como a função do pensamento na abstração das propriedades das coisas, no reflexo de sua causalidade – na apropriação de sua processualidade interna –, convertendo-o em formas de conhecimento acerca do objeto sobre o qual se atua a fim de transformá-lo e realizar o fim anteriormente imaginado.

No interior da atividade orientada por um fim são os processos psíquicos imaginativos que possibilitam ao ser humano romper com os limites da realidade objetiva a sua volta, descolando sua consciência para além do campo sensorio-perceptivo imediato e particular (ligado à particularidade histórico-social do sujeito); ou seja, que permitem a experiência subjetiva de objetos imaginários (eventos, coisas, situações, pessoas etc.), inexistentes ou que inexistam real-

mente até então; o que enriquece sua atividade objetiva e amplia extraordinariamente os limites de sua vivência subjetiva, transcendendo espaço e tempo, isto é, seu tempo e lugar. Pela imaginação recria-se o que já foi; e projeta-se o vir-a-ser.

A imaginação está, assim, na base das atividades técnico-laborativas, artísticas, filosóficas e científicas realizadas pelos indivíduos ao longo da história, tanto quanto nas atividades cotidianas que todos realizam para produzir e reproduzir as condições de sua existência. Está presente, portanto, quando o engenheiro em seu trabalho projeta, cria um novo modelo de automóvel; quando o escritor produz uma fábula fantasiosa; ou quando um indivíduo qualquer planeja o que fará em seu final de semana.

É importante destacar, como indica Vigotski (1971/2001), que os produtos da imaginação, independentemente de seu grau de realismo, são capazes de despertar emoções e sentimentos reais. A imaginação, inclusive, pode selecionar elementos da realidade e os combinar, de modo que corresponda ao estado afetivo do sujeito e não, necessariamente, à lógica exterior. Desse modo, o produto da imaginação pode não coincidir com a realidade, embora seja capaz de despertar a vivência de emoções e sentimentos reais. Considera-se este achado fundamental, já que, independente da relação entre imaginação e realidade, os processos imaginativos determinam uma experiência subjetiva afetivo-cognitiva real. Não é demais lembrar que o medo decorrente da antecipação (imaginação) do perigo pode ser tão ou mais impactante, do ponto de vista comportamental, psicológico e orgânico, que o perigo real.

Como afirma Vigotski (1971/2001, p. 139), “toda emoção é um chamamento à ação ou uma renúncia a ela”. Assevera, assim, a íntima relação entre imaginação, pensamento, afeto e volição. Nesse sentido, a imaginação constitui-se como um objeto privilegiado para a investigação das relações entre cognição e afeto e sua relação com a vontade humana, ou seja, considerando-se sua capacidade de aliar vontade, afeto, cognição e ação.

Por isso, o estudo da imaginação torna-se especialmente relevante hoje no campo do trabalho, ou melhor, no âmbito das relações entre subjetividade e trabalho. Na medida em que a imaginação, como processo psíquico superior, por um lado, desempenha papel fundamental na teleologia das atividades humanas; por outro, é principalmente por meio de sua regulação, que se tem operado hoje o controle da subjetividade do trabalhador.



## **IMAGINAÇÃO E CONTROLE DA SUBJETIVIDADE DO TRABALHADOR**

José Henrique de Faria (2017) destaca que o controle sobre o processo do trabalho assume três fases cumulativas no capitalismo, sendo as duas primeiras a simples e a expandida:

(i) simples, cuja ênfase é principalmente, mas não exclusivamente, sobre a divisão técnica do trabalho, a jornada de trabalho e a quantidade produzida; (ii) expandida, cuja ênfase é principalmente, mas não exclusivamente, sobre a função da produção (relação tempo e movimento), caracterizada pela divisão entre trabalho manual e trabalho mental e pela centralização da autoridade em uma cadeia de comando burocrática. Essa fase é conhecida como taylorismo-fordismo. (Faria, 2017, p. 311)

A terceira fase, denominada por ele como “sofisticada”, é atualmente conhecida como toyotismo, produção enxuta ou flexível. Nela a ênfase é dada principalmente sobre a subjetividade dos trabalhadores. Há uma menor cadeia de comando (centralização de autoridade nas gerências) e são criadas equipes participativas de trabalho, às quais são atribuídas diversas responsabilidades. Destaca-se que as fases não se configuram como superação de uma pela outra, mas em cada nova fase acumulam-se as formas de controle, havendo integração entre as tecnologias físicas e de gestão (Faria, 2017).

Nesse âmbito, as organizações produtivas utilizam técnicas sofisticadas para o controle do trabalhador, as quais investem tanto sobre aspectos objetivos quanto sobre a sua subjetividade. Destaca-se que o controle exercido pelas organizações sobre a subjetividade do trabalhador está em relação direta com o controle exercido sobre as condições objetivas, ou seja, sobre os aspectos materiais de precarização e intensificação do trabalho.

Enquanto que a precarização do trabalho se refere às alterações das relações e do mercado de trabalho em curso, especialmente, com a substituição cada vez maior das modalidades formais de empregos pelas informais ou terceirizadas, os baixos salários, a perda ou não garantia de direitos trabalhistas e previdenciários estabelecidos pela lei, a piora das condições de trabalho, a baixa qualificação, o enfraquecimento político dos sindicatos, a desmobilização dos trabalhadores e os altos índices de desemprego; sua intensificação refere-se ao aumento significativo do ritmo e das demandas de trabalho (Antunes, 2018).

Danièle Linhart (2009), partindo de estudos sobre a precarização e intensificação do trabalho, fenômenos de âmbito mundial, propõe o conceito de “precariedade subjetiva” para explicar os seus impactos na subjetividade do trabalhador. Ou seja, o sentimento de precariedade que os trabalhadores estáveis podem desenvolver a respeito de si mesmos, uma vez confrontados com as exi-

gências de trabalho cada vez mais intensificadas e em condições cada vez mais precárias, os quais os levam a um permanente questionamento sobre a sua qualificação, a sua capacidade de responder às demandas postas e, assim, de se manterem empregados:

É o sentimento de não dominar o seu trabalho e de dever desenvolver incessantemente esforços para se adaptar, para atingir os objetivos fixados, para não se colocar em perigo físico ou moral (...). É o sentimento de não ter recursos para lidar com problemas graves de trabalho, nem provindos da hierarquia (cada vez mais reduzida e menos disponível), nem provindos dos coletivos de trabalho, que foram desgastados com a individualização sistemática da gestão dos assalariados, que foram postos em concorrência. (Linhart, 2009, p. 2, tradução nossa)

Nesse contexto, desenvolvem-se os sentimentos de impotência, isolamento e abandono, assim como a perda da autoestima. Assim, o trabalhador julga realizar um trabalho ruim ou insuficiente; avalia não estar à altura de cumprir com as demandas e tarefas de seu posto de trabalho. Em nome de uma suposta autonomia e maior satisfação no trabalho, a gestão põe em prática o que denominam “enriquecimento dos cargos”, a fim de atribuir maior responsabilidade ao trabalhador. Com isso, de fato, ampliam-se as tarefas e ele passa a gerir todas as “disfunções da organização”. Sem que o trabalhador possua recursos objetivos e subjetivos, os ritmos de trabalho e as cobranças de metas são significativamente intensificados. O trabalhador passa, então, a sentir medo, ansiedade, insegurança, stress<sup>4</sup> (Linhart, 2009).

A pergunta que se formula é como e por que o trabalhador se questiona, questiona seu desempenho, sua capacidade laboral e produtiva, mas não problematiza justamente os processos de precarização e intensificação do trabalho que vivencia ou consegue perceber e compreender os processos de controle a que está submetido.

Faria (2017) contribui com a reflexão ao apontar que, em muitos casos, o sujeito deixa de compreender a complexidade apresentada pela realidade, reduzindo-a a algum de seus aspectos, o que é característica dos processos de alienação<sup>5</sup> a que estão submetidos os indivíduos hoje. Segundo ele:

---

<sup>4</sup> Destaca-se que, segundo Linhart (2009), a precariedade subjetiva, longe de ser estranha ao sofrimento no trabalho já estudado por teóricos diversos da psicossociologia (Déjours, Enriquez e Gaulejac, para citar alguns), passa a ser uma das suas características.

<sup>5</sup> Conforme Mészáros (2006, p. 39), a alienação se caracteriza “pela extensão universal da “vendabilidade” (isto é, a transformação de tudo em mercadoria); pela conversão dos seres humanos em “coisas”, para que eles possam aparecer como mercadorias no mercado (em outras palavras: a “reificação” das relações humanas); e pela fragmentação do corpo social em “indivíduos isolados” (vereinzelte Einzelnen), que perseguem seus próprios objetivos limita-

O mundo é visto pelo sujeito alienado não em um plano concreto, mas como uma fantasia que direciona a maneira de ser, de pensar e de agir dos sujeitos. A realidade não é compreendida pelo sujeito alienado em sua complexidade, em seus movimentos contraditórios, em seu dinamismo, mas é naturalizada como sendo tal como parece ser, simplificada e destituída de sua história. (Faria, 2017, p. 388)

A naturalização e simplificação do que se apresenta como real leva o trabalhador a se direcionar a partir de uma ficção, isto é, de imagens subjetivas que distorcem, ofuscam sua realidade objetiva. Essa ficção produzida no seio das relações de trabalho inclui, mas não se limita, ao sentimento de pertencimento e identificação com a organização e a conseqüente busca pela dedicação e o desempenho máximo (vestir a camisa); ao objetivo de se tornar um trabalhador exemplar, comprometido com as metas e objetivos organizacionais, reconhecido pela sua competência e suposto valor; ao ideal de polivalência e resiliência, bem como de ser empreendedor, ou seja, ter iniciativa, disposição e capacidade para implementar projetos e realizar mudanças em sua rotina de trabalho que beneficiem a empresa e a si mesmo (já que, supostamente, trabalhador e empresa são uma coisa só). Para Faria (2017), o trabalhador toma esse discurso organizacional como a própria realidade, construindo imagens fictícias a seu respeito, a respeito da organização e do seu trabalho, o que o impede de desenvolver uma consciência crítica acerca de si e do mundo. Para o autor, nesse processo, o trabalhador:

Aliena-se de sua existência real, doando sua vida a uma ideia dela, a um tipo idealizado. Este tipo é referido pelo sujeito como sendo a configuração das *exigências da realidade*, de onde advém a concepção fantasiosa do que deve ser o “trabalhador ideal”, o “chefe competente”, o “gestor democrático”, a “equipe unida”, o “trabalho eficaz”, a “qualidade reconhecida”, entre outras. Em síntese, esta configuração que sustenta a construção do tipo idealizado esconde o sujeito alienado de si, incapaz de desenvolver uma consciência crítica da realidade e de seu lugar nela. (Faria, 2017, p. 388)

A partir desse discurso, o trabalhador ressignifica seu trabalho e pouco questiona sua intensificação e precarização, pois lhe atribui o mesmo sentido produzido e propagado pela organização, produzindo subjetivamente imagens que reproduzem, em maior ou menor proporção, o olhar e o discurso da própria organização. Imagens que, embora fictícias e contraditórias (pois muitas vezes se chocam com a realidade objetiva) possuem a função de orientar as formas de pensamento, sentimento e ação do trabalhador em seu trabalho. Para Faria

---

dos, particularistas, “em servidão à necessidade egoísta”, fazendo de seu egoísmo uma virtude em seu culto da privacidade”.

(2017), trata-se de um processo de sequestro da subjetividade, definido como “a forma sofisticada que toma a alienação (econômica, social, política e psicológica) nas organizações produtivas” (Faria, 2017, p. 392). Nelas, portanto, opera-se uma forma qualitativamente distinta de alienação, cujo aspecto principal, hoje, centra-se em processos psicológicos de controle pela via da imaginação.

O trabalhador constrói uma imagem de si, do mundo e de sua relação com ele permeada pelas ideias e valores fortemente presentes hoje no interior das organizações de trabalho; imagina a si e a vida e sua posição nela mediado por esses discursos gerenciais. Há que se considerar que os discursos gerencial-organizacionais carregam elementos ideais e valorativos que integram o universo ideológico da sociedade contemporânea como um todo, isto é, ecoam (se conectam a) a ideologia do capitalismo contemporâneo. Ao mesmo tempo, essas imagens ou ficções, pelo seu caráter abstrato e universalizante, adentram as demais esferas da vida do trabalhador, generalizando-se como parte integrante de sua visão de mundo, como imagens representativas da realidade como um todo. Exercem, portanto, uma dupla função reprodutora, ao legitimar e garantir tanto a reprodução das relações de trabalho como a reprodução das relações sociais. Deste modo, as imagens ou as ficções veiculadas pelos discursos organizacionais (assim como os valores e ideologias que esses discursos carregam), ao mesmo tempo em que reiteram valores já em evidência na sociedade, os reforçam. Seus efeitos de sentido não se limitam ao campo do trabalho, mas irradiam-se a toda a rede de relações do trabalhador, passando a compor sua visão de mundo e a orientar sua forma de pensar, sentir e agir.

Embora o exercício da imaginação como produção de imagens fictícias que se afastam da realidade objetiva, a princípio, não pareça articulado com o campo do trabalho, nota-se que essa é a forma de imaginação típica do trabalho alienado, no sentido de que se afasta da realidade objetiva. Ainda assim, “os trabalhadores dedicam suas melhores ideias, iniciativas e criatividade em prol do resultado organizacional” (Faria, 2017, p. 389). Por isso é que as organizações investem tanto na adesão dos trabalhadores a um sistema de valores que “incita as pessoas a se dedicarem de corpo e alma ao seu trabalho” (Faria, 2017, p. 389). Nesse sentido, apesar da intensificação e precarização do trabalho, as tecnologias de gestão e controle adotadas acabam por tornar os trabalhadores mais motivados e satisfeitos.

Há, portanto, uma relação dialética e contraditória no exercício da imaginação no campo do trabalho: ao mesmo tempo em que o trabalhador se orienta subjetivamente a partir de uma ficção (sentimento de pertencimento, fidelidade, identificação etc.), seu trabalho, suas melhores ideias e iniciativas criativas são

objetivamente apropriados pelas organizações produtivas. Deste modo, como parte do processo de alienação, há um controle seletivo sobre a imaginação do trabalhador: ao mesmo tempo em que ele é induzido a acreditar nas imagens ou ficções organizacionais, é também incentivado a utilizar toda a sua criatividade em benefício da organização produtiva (imaginação ativa, aquela que exige partir das condições concretas, da realidade complexa e contraditória).

A precariedade subjetiva (Linhart, 2009), nesse sentido, avigora o processo de controle seletivo da imaginação. Ao se sentir em perigo, com medo, ansioso e inseguro, com baixa autoestima, o trabalhador tende a idealizar ainda mais a organização e a se dedicar com toda a sua capacidade produtiva ao atingimento dos objetivos por ela fixados. Ou seja, sob medo de se colocar em perigo físico e psicológico, os esforços do trabalhador são intensamente direcionados à realização dos resultados organizacionais.

O processo de controle da imaginação, no campo do trabalho, portanto, é seletivo e contraditório, mas muito eficaz para o processo de acumulação do capital, pois produz resultados materiais e objetivos muito claros. Neste tópico evidenciamos que a forma sofisticada de alienação que ocorre nas organizações produtivas, denominada de controle da subjetividade (Faria, 2017), além de poder produzir o que se denomina precariedade subjetiva (Linhart, 2009), afeta também o psiquismo, em especial, os processos imaginativos. A seguir discutiremos a tese de que o controle da imaginação pode modificar a relação do indivíduo com a realidade objetiva, alterando a imaginação, ou seja, os processos psíquicos de produção de imagem da realidade objetiva na consciência.

### **IMAGINAÇÃO, PSIQUISMO E REALIDADE OBJETIVA: REALISMO FATALISTA E CONFORMISTA E IMAGINAÇÃO CRIATIVA**

A partir do resgate do papel da imaginação na atividade psíquica do adulto por meio da PHC, bem como da análise do aspecto psicológico do controle da subjetividade do trabalhador nas organizações e de sua relação com a imaginação, foi possível verificar que, nas organizações produtivas, há a produção e reiteração de imagens idealizadas, fictícias, que se afastam da realidade objetiva do trabalhador, mas que servem aos interesses de acumulação de capital. Como apresentado, trata-se da forma de imaginação típica do e necessária ao trabalho alienado.

Com o objetivo de propor a tese de que o controle seletivo da imaginação, ocorrido especialmente no campo do trabalho, mas não a ele restrito, pode modificar a relação do sujeito com a realidade objetiva, cabe retomar Rubinstein (1978). Em especial, sua caracterização do que define como imaginação

ativa, isto é, que conduz à ação, em oposição ao que denomina de imaginação passiva, entendida como mero devaneio sem ação.

É preciso ressaltar que o caráter ativo dos processos imaginativos não implica maior ou menor correspondência entre as imagens subjetivas e a realidade objetiva. Portanto, nem toda ação humana provém de um processo imaginativo ancorado nas condições concretas e objetivas da realidade e captura sua complexidade e contraditoriedade. Imagens ou ficções organizacionais – tanto como aquelas também reproduzidas fora das organizações, como imagens ou ficções sociais e históricas –, igualmente subsidiam a ação, determinam a atividade do sujeito instaurando modos de pensar, sentir e agir. O trabalhador que parte de uma imagem subjetiva, sem ancoragem na realidade objetiva, produz ações concretas de intervenção no real. Ao imaginar e acreditar, por exemplo, na afinidade dos interesses da organização produtiva e do trabalhador<sup>6</sup>, o mesmo intensifica ao máximo o seu ritmo de trabalho, “veste a camisa”. A imagem acerca dessa suposta unidade de interesses, embora fictícia – isto é, embora sendo uma imagem subjetiva sem correspondência na realidade objetiva – produz efeitos concretos. Como a maior produtividade do trabalhador e o incremento da mais-valia.

Esse aspecto da imaginação levanta algumas questões. Quais as principais diferenças dos processos psíquicos cognitivo-afetivos, quando se é norteados por imagens que guardam maior ou menor correspondência com a realidade, ou seja, em que há maior ou menor controle seletivo sobre os processos imaginativos? Como a predominância de determinados processos psíquicos imaginativos modifica a forma de relação do sujeito com o mundo, modifica a sua consciência?

Propõem-se nesse estudo duas formas predominantes de processos psíquicos, que se articulam em cada sujeito: um cuja prevalência ocorre por meio do que se denomina aqui de “realismo fatalista e conformista”; e outro, de “imagina-

---

<sup>6</sup> A imagem da unidade organização produtiva-trabalhador não é em si absurda, visto que, de fato, a empresa não produz mais-valia sem o trabalhador, ou seja, depende dele. No entanto, a imagem difundida é a da unidade de *interesses* entre trabalhador e empresa, entre capital e trabalho, o que não existe nas organizações de produção capitalista. Por isso que se trata, portanto, de uma ficção; de uma imagem subjetiva sem correspondência na realidade objetiva. Já quando se vivencia o processo de precariedade subjetiva (Linhart, 2009), o trabalhador desenvolve o sentimento de não estar à altura do cargo, ou seja, o trabalhador se vê como dependente da empresa e passa a idealizá-la (pensa ocupar um cargo para o qual não apresentaria as qualificações). Ou seja, não se trata apenas de uma distorção da realidade, mas de uma completa inversão das relações concretas.

ção criativa”<sup>7</sup>. Processos esses que expressam posicionamentos distintos do sujeito em relação à realidade. A tabela 1 a seguir apresenta essas duas formas. Destaca-se que o modelo aqui proposto não tem a pretensão de esgotar o fenômeno em sua totalidade. Como todo modelo, apresenta o problema de modo abstrato, sintético e esquemático, com vistas a evidenciar seus aspectos considerados mais relevantes e, assim, possibilitar a proposição de análises e explicações sobre o objeto estudado.

	Realismo fatalista e conformista	Imaginação criativa
Processo psíquico predominante	“A realidade exige que seja assim”; menor capacidade de abstração; conforma-se com o “mundo da fantasia” aparente.	Outras configurações são possíveis; maior capacidade de abstração; inconformado.
Modo de compreensão da realidade	<i>Simplificação</i> a partir de alguns elementos visíveis e explícitos.	<i>Complexidade</i> , dinamismo, inclusão de elementos ocultos e movimentos contraditórios; confronta o aparente e busca aproximar-se de uma <i>realidade para além das aparências</i> .
Relação com o mundo e com o institucionalizado	<i>Naturalização</i> : assim é e assim será; maior apego ao mundo aparente; lógica formal.	<i>Historicização</i> : é possível que seja assim, mas pode ser diferente; maior questionamento do mundo aparente; lógica dialética.
Posicionamento do sujeito em relação às normas	<i>Conformismo/ Obediência</i> : sente-se seguro em seguir as regras.	<i>Transformação/ Resistência</i> Maior questionamento; sente-se desafiado a propor mudanças.
Posicionamento existencial	Reprodutorista: Busca ser e agir de forma a atender às expectativas (organizacionais, sociais, familiares etc.).	Criativo: Permite-se ser e agir de forma inédita, imprevisível, diferenciada.
Emoções predominantes	Medo, ansiedade, falta de confiança em si mesmo e descrença quanto à possibilidade de mobilização coletiva/ produção de mudanças.	Maior ânimo e confiança em si mesmo e na possibilidade de mobilização coletiva/ produção de mudanças.
Forma predominante de buscar o reconhecimento	Busca o reconhecimento imediato pelo fiel cumprimento do “script”.	Suporta o não-reconhecimento imediato e as resistências à quebra do “script”; busca reconhecimento pela sua capacidade de resistência e criatividade.
Sujeição ao controle	Maior facilidade de ser controlado e ter sua subjetividade sequestrada.	Menor facilidade de ser controlado e ter sua subjetividade sequestrada.
Relação com os sentidos (simbólico)	Consome sentidos prontos (ex.: sucesso, autonomia, meritocracia).	Produz novos sentidos; questiona sentidos difundidos.
Relação discursiva	Monológica.	Polifônica.

Fonte: Tezza Magnin (2020).

**Tabela 1.** Comparativo entre o realismo fatalista e conformista o exercício da imaginação criativa no psiquismo adulto

<sup>7</sup> O realismo fatalista e conformista, bem como a imaginação criativa, referem-se a processos cognitivo-afetivos complexos que integram várias funções, como pensamento, emoções, memória etc.

Inicialmente, é importante ressaltar que ambos os processos se tratam de tendências do psiquismo humano, alternando-se dinamicamente o caráter predominante de um ou outro modo ou processo. Portanto, os indivíduos concretos experimentam e exercitam cotidianamente em sua vida tanto o realismo fatalista e conformista quanto a imaginação criativa; e nem sempre um está separado do outro. Todavia, considerando o papel central que o trabalho desempenha no desenvolvimento psíquico adulto (Rios e Rossler, 2017), as experiências vividas no campo do trabalho assumem preponderância no desenvolvimento da consciência. E, portanto, possuem primazia na determinação da dinâmica entre os processos psíquicos em tela, ou seja, determinando que os indivíduos pensem, sintam e ajam orientados mais por um que por outro processo psíquico.

Parte-se nesse estudo da ideia de que o trabalho alienado e, em seu interior, o controle da subjetividade do trabalhador para garantir a reprodução do capital, favoreceriam uma forma de consciência guiada, predominantemente, pelo realismo fatalista e conformista.

Quando ocorre a internalização ou a adesão às ficções organizacionais e sociais, entendidas como aquelas ideias dominantes (ideologias) que passam a ser idealizadas e desejadas pelos sujeitos sem reflexão crítica (busca pelo desenvolvimento na carreira e máximo reconhecimento, identificação de interesses empresa-trabalhador, sentimento de pertencimento e lealdade com a organização, supervalorização da capacidade de consumo, dentre outros), vivencia-se o realismo fatalista e conformista. Por outro lado, o exercício da imaginação que parte da problematização dessas imagens ou ideias dominantes possibilita menor submissão às configurações do que se apresenta como realidade.

O apego ao que se apresenta como real e objetivo é justamente o que facilita a naturalização dos fenômenos e o conformismo à realidade tal como ela se apresenta imediatamente ao sujeito. Ao mesmo tempo, e justamente por acreditar-se em uma realidade acabada e imutável, tida para o indivíduo como sendo a única verdadeira, busca-se atender com determinação ao que se supõe ser a expectativa dos outros, em uma atuação reproducionista, buscando-se obter reconhecimento pelo fiel cumprimento do *script*. É justamente nesses casos em que há maior sujeição ao controle da subjetividade, pois, ao seguir as regras apresentadas, é que o sujeito se sente seguro. Nesses casos, não se medem esforços para atender aos padrões dados, pois conseguir dar conta do que se supõe ser esperado é também a garantia de sua própria competência, nos termos produtivistas da sociedade capitalista. Trata-se de um posicionamento excludente, que elimina elementos e vozes menos proeminentes para simplificar a realidade e assegurar-se do controle sobre a mesma, ainda que, para tanto, te-



nha-se que excluir muitos dos elementos que a compõem. É um posicionamento monológico (Bakhtin, 1979/2011).

Por outro lado, o questionamento do que se apresenta como real e objetivo, a não simplificação, a inclusão de elementos não imediatamente visíveis e das vozes silenciadas; a possibilidade de suportar a complexidade do mundo e buscar compreendê-lo por meio de uma análise crítica; caracterizam a imaginação criativa. Nela, inclui-se o exercício da análise e abstração e a sustentação de um posicionamento não-conforme, mas inconformado com a realidade apresentada; assim como inclui-se a historicidade e a possibilidade de resistência e transformação do que se apresenta como real. Trata-se de um posicionamento inclusivo, em que todos os elementos são bem-vindos na análise, que busca também incluir vozes desconhecidas, pontos cegos, o que ainda não é possível enxergar ou se fazer ouvir. É um posicionamento polifônico.

Na vivência do realismo fatalista e conformista, o sujeito interpreta o mundo a partir das suas vivências e percepções mais imediatas. As exigências dominantes são vistas como o mundo real, concreto, como verdades inquestionáveis (monologismo), pois refletem o mundo tal como ele realmente se apresenta ao sujeito, naturalizado.

Assim, o sujeito compreende a realidade de modo simplificado, a partir de alguns elementos visíveis e explícitos; relaciona-se com o mundo de modo naturalizado, dito “objetivo”, apegando-se ao mundo aparente; no que se refere às normas, leis ou políticas, adota um posicionamento conformista, cego ou obediente, sentindo-se seguro em seguir as regras. Ao buscar agir e ser conforme ao que é prescrito, posiciona-se de forma reproducionista, fortalecendo a atuação da própria norma. Esse posicionamento produz (e ao mesmo é fruto da) descrença na possibilidade de mobilização coletiva para produção de mudanças. Sentimentos de medo, ansiedade e falta de confiança em si mesmo levam o sujeito a buscar o reconhecimento imediato pelo fiel cumprimento do *script* fomentado pelas normas ou “verdades” predominantes em dado contexto. Trata-se de posicionamento<sup>8</sup> que o deixa mais exposto a ter a sua subjetividade controlada. Desta forma, no realismo fatalista e conformista, a imaginação passa a ser ferramenta útil e fundamental para a realização de fins determinados fora dela.

Já no exercício da imaginação ativa/criativa, o sujeito parte de elementos do real, porém os submete a uma atividade psíquica complexa. Nega-se atribuir ao real aquilo que ele parece ser. Assim, busca entender a realidade em sua com-

---

<sup>8</sup> O posicionamento do sujeito nem sempre é consciente, podendo ser inconsciente, ou seja, sem o controle da consciência; ou fruto da “escolha” de uma consciência alienada.

plexidade, totalidade e dinamismo, incluindo movimentos ocultos e elementos contraditórios. Confronta o aparente e busca aproximar-se de uma realidade para além das aparências. Em sua relação com o mundo, considera a historicidade. Entende que os fenômenos estão configurados de determinado jeito, mas que podem ser diferentes; há um maior questionamento do mundo imediato e aparente.

No que se refere às normas, o sujeito posiciona-se no sentido da transformação, sentindo-se desafiado a propor mudanças. Questiona o *status quo* e resiste à naturalização dos fenômenos. Posiciona-se em relação ao mundo de maneira criativa, não convencional, permitindo-se pensar, sentir e agir de forma inédita, imprevisível, diferenciada, não se sujeitando ao modo padrão operante. Sente maior confiança em si mesmo e na possibilidade de mobilização coletiva. Possui ânimo, entusiasmo, acreditando na produção de mudanças. Suporta o não reconhecimento imediato e as resistências à quebra do “script”, buscando o reconhecimento pela sua capacidade de resistência e criatividade, havendo assim menor facilidade de controle da subjetividade do sujeito que se posiciona dessa forma.

Ao negar-se a atribuir ao real aquilo que ele parece ser, há o exercício da imaginação criativa, pois a imaginação não se torna ferramental meramente pragmático-utilitário. Nesse exercício, o sujeito impõe ao real a imaginação, aquilo que é imaginativo; atribui a ele elementos que, aparentemente, não lhe pertencem. E desfruta da estética de como seria, se esse mundo imaginado fosse real. E, assim, repetidamente, em um movimento de ida e vinda, confronta a imaginação ao real, e o real à imaginação. Ao mesmo tempo em que o real alimenta a imaginação, a imaginação amplia as possibilidades de compreensão da realidade. Isso porque a imaginação necessita por lado a lado elementos que, a princípio, não se combinam, não aparecem juntos; a imaginação lida o tempo todo com a contradição, com o que destoa, com o que não pertence ou está presente.

A análise aponta para resultados contra intuitivos: enquanto que o exercício do realismo reforça a vivência do “mundo das fábulas” reproducionista e conformista, o exercício da imaginação ativa/criativa aponta para novas possibilidades reais e concretas.

Em outras palavras, o realismo fatalista e conformista seriam processos psíquicos, de modo geral, e imaginativos, em particular, que propiciariam a vivência e a reprodução das relações de produção vigentes em cada época e lugar; ou seja, a forma de consciência que tem organizado e orientado o viver concreto

em um sentido contrário aos interesses dos próprios sujeitos<sup>9</sup>. Sujeitos que são excluídos, tornando-se meros “sobreviventes”, para utilizar a terminologia de Bader Burihan Sawaya (2009). Esse sistema é alimentado pelo medo e se mantém pelas ilusões que ele propicia; pela falta de compreensão, por parte dos indivíduos, de seus movimentos e contradições. De acordo com o filósofo e economista político alemão, “as circunstâncias fazem os homens assim como os homens fazem as circunstâncias” (Marx, 1932/2007, p. 56). Mas, para fazer as circunstâncias, é preciso trilhar um longo caminho para alcançar maior consciência e menor alienação.

### APONTAMENTOS FINAIS

Conclui-se que a forma como é exercida a capacidade imaginativa tende a expandir ou restringir as possibilidades de ação humana sobre a realidade, modificando-a. Essa relação sujeito-imaginação está delineada e condicionada pelas condições sociais e históricas, não sendo uma mera abstração idealista, a depender da vontade dos sujeitos. Assim, foi possível estabelecer uma relação entre o realismo fatalista e conformista e uma maior vulnerabilidade afetivo-cognitiva ao controle da subjetividade dos sujeitos; enquanto que o exercício da imaginação criativa aponta para uma maior possibilidade de questionamento crítico das circunstâncias dadas.

Este ensaio teve por objetivo refletir criticamente sobre diversas formas de compreensão da imaginação e suas produções, não se tratando, portanto, de um estudo conclusivo ou definitivo. Ao contrário, abre espaço para novas contribuições e aprofundamento sobre o tema, evidenciando-se a importância da capacidade imaginativa e seu papel na atividade consciente humana.

E mais do que concluir, encerra com a questão: qual seria o caminho para o fortalecimento da imaginação criativa, aquela que supostamente poderia resistir ao discurso dominante que se coloca e ascende como o único e verdadeiro?

### REFERÊNCIAS

- Antunes, Ricardo (2018). *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital* (1. ed.). São Paulo: Boitempo.
- Bakhtin, Mikhail (1979/2011). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Espinosa, Baruch (1957). *Ética*. São Paulo: Atenas.

---

<sup>9</sup> Espinosa (1957) buscou entender o que leva os homens a lutarem por sua escravidão como se fosse por sua liberdade, ou seja, a interpretar a servidão como se fosse o próprio exercício de sua liberdade. A compreensão desses mecanismos, segundo o filósofo, seria fundamental para que se propiciem caminhos para a busca da verdadeira liberdade.

- Faria, José Henrique de (2017). *Poder, Controle e Gestão nas Organizações*. Curitiba: Juruá Editora.
- Kosik, Karel (1976/2011). *Dialética do Concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra Editora.
- Leontiev, Alexis (1978). *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Horizonte.
- Linhart, Danièle (2009). Modernisation et précarisation de la vie au travail. *Papeles del CEIC, 2009-1(43)*, 1-19. Retrieved from: <https://www.ehu.es/ojs/index.php/papelesCEIC/article/view/12241>
- Tezza Magnin, Luana Silvy (2020). *Trabalho intensificado, subjetividades controladas e alienação nas universidades federais: uma contribuição à análise das políticas de avaliação científica*. Tese de Doutorado inédita, Universidade Federal do Paraná.
- Martins, Lígia Márcia (2013). *O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico cultural e da pedagogia histórico-crítica*. Campinas: Autores Associados.
- Marx, Karl (1867/1988). *O Capital: Crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural.
- Marx, Karl (1932/2007). *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo.
- Mészáros, István (2006). *A teoria da alienação em Marx* (2ª ed.). (I. Tavares, Trad.) São Paulo: Boitempo.
- Pallasmaa, Juhani (2013). *A Imagem Corporificada: Imaginação e Imaginário na Arquitetura*. Bookman. Porto Alegre.
- Rios, Camila Fernanda Moro & Rossler, Joao Henrique (2017). O trabalho como atividade principal no desenvolvimento psíquico do indivíduo adulto. *Psicologia em Estudos, 22(4)*, 563-573. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v22i4.37465>
- Rubinstein, Serguei Leonidovich (1978). *Principios de Psicologia General*. México D. F.: Grijalbo.
- Sawaia, Bader Burihan (2009). Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. *Psicologia & Sociedade, 21(3)*, 364-372. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822009000300010>
- Vigotski, Lev Semionovitch (1995). *Obras escogidas. Tomo III*. Madrid: Visor.
- Vigotski, Lev Semionovitch (1971/2001). *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, Lev Semionovitch (1954/2004). *Pensamento e linguagem* (2. ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, Lev Semionovitch. (2014). *Imaginação e criatividade na infância*. São Paulo: Martins Fontes.



#### LUANA SILVY DE LORENZI TEZZA MAGNIN

Doutora em Administração pela Universidade Federal do Paraná. Psicóloga e Mestre em Psicologia pela UFPR. Analista de Gestão em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz - Instituto Carlos Chagas (Fiocruz/PR).

[luanatezza@gmail.com](mailto:luanatezza@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-3330-9835>

#### JOSÉ HENRIQUE DE FARIA

Professor do Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal do Paraná. Professor Visitante da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Líder do Grupo de Pesquisa "Economia Política do Poder e Estudos Organizacionais" e Presidente da Sociedade Brasileira de Estudos Organizacionais.

[jhfaria@gmail.com](mailto:jhfaria@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0003-3971-7992>

#### JOÃO HENRIQUE ROSSLER

Psicólogo e Doutor em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Professor Associado do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná.

[jhrossler@ufpr.br](mailto:jhrossler@ufpr.br)

<http://orcid.org/0000-0003-1639-6292>

#### FORMATO DE CITACIÓN

Tezza Magnin, Luana Silvy De Lorenzi; de Faria, José Henrique & Rossler, João Henrique (2020). Imaginação e controle da subjetividade no campo do trabalho: imaginação criativa e realismo fatalista e conformista. *Quaderns de Psicologia*, 22(2), e1579. <http://dx.doi.org/10.5565/rev/psicologia.1579>

#### HISTORIA EDITORIAL

Recibido: 29-09-2019

1ª revisión: 09-04-2020

Aceptado: 06-05-2020

Publicado: 31-08-2020